

Fragmentos de história da literatura: relatos e resultados de uma pesquisa em Portugal

Fragments of history of literature: reports and results of a research in Portugal

Mauro Nicola Póvoas

Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: O trabalho resume os resultados alcançados pelo projeto de pesquisa “Um estudo de fontes primárias: a presença da literatura brasileira em periódicos portugueses do século XIX (1850-1900)”, que deriva de um estágio pós-doutoral realizado em 2008, na Biblioteca Nacional de Portugal, com o apoio da CAPES. Depois de vários artigos publicados e comunicações apresentadas, faz-se aqui um balanço do material recolhido e analisado, que obedeceu, predominantemente, aos seguintes tópicos, sempre tendo como *corpus* revistas, jornais e almanaques lisboetas: 1) a descoberta de autores e textos desconhecidos e/ou à margem da historiografia; 2) o exame da relação literária entre Brasil e Portugal no século XIX; 3) a recepção, em Portugal, de autores pertencentes à literatura brasileira.

Palavras-chave: Periódicos; Fontes primárias; Século XIX

Abstract: The work resumes the results achieved by the research project “A study of primary sources: the presence of the Brazilian literature in Portuguese journals of 19th century (1850-1900), that derives from a post-doctoral internship held in 2008, in National Library of Portugal, with the support of CAPES. After several published articles and presented communications, it is made here a balance of the collected and analyzed material, that obeyed, predominantly, to the following topics, always having as a corpus Lisbon magazines, newspapers and almanacs: 1) the discovery of unknown authors and texts and/or on the sidelines of historiography; 2) the examination of the literary relationship between Brazil and Portugal in 19th century; 3) the reception, in Portugal, of authors belonging to Brazilian literature.

Keywords: Journals; Primary sources; 19th century

Venho mantendo a pesquisa “Um estudo de fontes primárias: a presença da literatura brasileira em periódicos portugueses do século XIX (1850-1900)” desde 2008, quando realizei um estágio pós-doutoral na Universidade de Lisboa e na Biblioteca Nacional de Portugal, com o apoio da CAPES. Depois de quatro anos, a intenção é concluí-lo em meados de 2013; sendo assim, faz-se, aqui, a apresentação dos resultados alcançados até o momento.

Este balanço do material recolhido e analisado obedeceu, predominantemente, aos seguintes tópicos, sempre tendo como *corpus* revistas, jornais e almanaques lisboetas, e girando em torno da história da literatura: 1) a descoberta de autores e textos desconhecidos e/ou à margem da historiografia; 2) o exame da relação literária entre Brasil e Portugal no século XIX; 3) a recepção, em Portugal, de autores pertencentes à literatura brasileira. São temas que giram em torno da história da literatura, pertinentes, portanto, ao grupo de trabalho ao qual estou inserido.

Autores e textos desconhecidos e/ou à margem da historiografia¹

Neste item, sobressaem-se tanto Cesário Verde, poeta canônico da literatura portuguesa, quanto Emília da Maia, poetisa luso-brasileira pouco conhecida.

Uma, entre várias outras descobertas, no período em que estive em Portugal, chamou-me a atenção, pela

¹ Mais detalhes sobre este tópico podem ser encontrados em: PÓVOAS, Mauro Nicola. Periódicos e descobertas: o exemplo de Cesário Verde. In: PETROV, Petar; SOUSA, Pedro Quintino de; SAMARTIM, Roberto López-Iglésias; FEIJÓ, Elias J. Torres (Ed.). *Avanços em literatura e cultura portuguesas: da Idade Média ao século XIX*. Santiago de Compostela: Através; Faro: AIL, 2012. p. 441-448. PÓVOAS, Mauro Nicola. Fontes primárias e redescobertas: o caso de Emília da Maia In: CAIRO, Luiz Roberto; PEREIRA, Márcio Roberto; AZEVEDO, Sílvia Maria. *Arquivos revisitados da América Lusa: escritos sobre memória e representação literária*. Assis: UNESP, 2010. p. 47-66. PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as ‘Cartas Póstumas’ do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). *Navegações*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.

importância do escritor envolvido: um poema nunca publicado em volume de Cesário Verde (25 fev. 1855-19 jul. 1886). Trata-se de “Escândalos”, composição escrita em Lisboa, no mês de agosto de 1874, e encontrada nas páginas 30 e 31 do *Almanaque XPTO para 1875*, editado na capital portuguesa.

O ineditismo em livro da descoberta confirmou-se tanto a partir do exame da obra completa de Cesário Verde, em edição organizada por Joel Serrão (cf. VERDE, 2003), como também por uma consulta com o Prof. Dr. Ernesto Rodrigues, da Universidade de Lisboa, especialista na literatura oitocentista portuguesa e supervisor de meu estágio pós-doutoral. Interessante notar que a data de 1874, que aparece ao fim do poema, foi importante para o jovem Cesário Verde, à época com dezenove anos:

Depois, em 1874, ano de juvenil facúndia poética, Cesário Verde dá a público quinze composições, a maior parte das quais em periódicos portugueses, pela mão de Silva Pinto, e anuncia a edição, para breve, de um livro *Cânticos do Realismo*, projeto que não chegou a efetivar-se. (SERRÃO, 1986, p. 8)

Essa “juvenil facúndia” explica o teor de “Escândalos”, cujo título encaixa-se à perfeição com aquilo que pretendia atingir o poeta: jocosamente, trazer à tona a relação homem/mulher, numa sociedade que pouco discutia essa questão. Há indícios documentais de que, desde fim de 1873 e ao longo de 1874, o “poeta negociante” (SERRÃO, 1986, p. 5) estava projetando o *Cânticos do Realismo*, ou *Ecos do Realismo*, título alternativo que o volume poderia ostentar, segundo as fontes disponíveis. Alguns motivos podem ser arrolados para que Cesário tenha abortado o livro: a evolução da poesia do autor, que em fevereiro de 1875, por exemplo, publicava “Deslumbramentos”, ou o mal-estar que o conjunto de poemas causou no público leitor português (cf. SERRÃO, 1986, p. 17-18).

O poema até então inédito do *Almanaque XPTO para 1875* assemelha-se, formal e conteudisticamente, a outras produções de Cesário Verde da época. Do ponto de vista da forma, por exemplo, podem ser apontadas similitudes com “Lágrimas” e “Ironias do desgosto”, que contêm a mesma estrutura dialogada de “Escândalos”, ou então com “Esplêndida”, que apresenta a mesma disposição de estrofes: cinco versos cada, sendo os primeiros quatro mais extensos, e o quinto e último menor (doze e seis sílabas poéticas em “Escândalos”; dez e seis no caso de “Esplêndida”). Do ângulo do conteúdo, Cesário, em 1874-1875, interessa-se bastante pela relação entre homem e mulher – tema do qual o poema em tela não escapa. Pela importância do achado, reproduz-se, abaixo, a composição, com a grafia já atualizada. São quatro quintetos – os quatro primeiros versos de cada estrofe

alexandrinos; o último, sempre hexassilábico –, num total de vinte versos, distribuídos em um esquema rímico ABABA:

Escândalos

Falava-lhe ela assim: – “Não sei por que me odeia,
“Não sei por que despreza a luz dos meus olhares,
“Se o adoro com fervor, se não me julgo feia,
“E o meu olhar iguala as chamas singulares
“Do incêndio de Pompeia!

“Instiga-me o aguilhão do vício fatigante,
“E crava-me o capricho os vigorosos dentes;
“Não quero o doce amor plutônico do Dante
“E sinto vir a febre e as pulsações frequentes
“Ao vê-lo, ó meu amante!

“As ânsias, as paixões, os fogos, os ardores,
“Alucinada e louca, eu vejo que abomina,
“E ignoro com que fim, em tempos anteriores,
“Enchia-me de gosto a boca purpurina,
“E o seio de calores!”

E ele ao vê-la excitante, histórica, exaltada,
Volveu-lhe glacial, britânico, insolente:
– “A tua exaltação decerto não me agrada,
“E, ó minha libertina! eu quero-te somente
“Para mexer salada!”

Lisboa, agosto, 1874.
Cesário Verde

“Escândalos” traz o que Helder Macedo (1988) aponta como o “erotismo de humilhação”; um exemplo é o poema “Humilhações”, em que o humilde “personagem-narrador” da composição, sem dinheiro para ver as peças teatrais das quais a sua atriz preferida participa, toda a noite a espreita à porta das casas de espetáculos. No poema inédito de Cesário, observa-se esse exercício de rebaixamento, pelo avesso: não é o homem que se humilha frente a uma mulher, mas a mulher que coloca todo o seu amor em relação ao homem, que a despreza e sarcasticamente a vê somente como um objeto, antes de mais nada, útil nas lides domésticas. É bom frisar que o cínico personagem masculino desse poema não deve ser encarado como um *alter ego* do poeta, pois, conforme alerta Helder Macedo, o erotismo de humilhação da obra de Cesário revela menos uma condição biográfica, e mais “uma constante da literatura europeia do século XIX” (MACEDO, 1988, p. 24).

Diferente de Cesário, Emília da Maia é autora praticamente desconhecida, mas a sua produção, presente no periódico *A Voz Feminina/O Progresso*, é significativa: são dezessete poemas, em geral assinados por “D. Emília A. M. da Maia”, maneira como em geral ela era referenciada nas páginas dos dois periódicos que, na verdade, eram um só, e que a certa altura troca

de nome. A intenção de *A Voz Feminina* era a de ser um órgão completo para o sexo feminino, servindo de fonte de informação, diversão e cultura, publicando, para tanto, textos literários (em especial, poemas), críticas literárias, artigos, notícias, charadas, correspondências, anúncios, sendo William T. Wood (de origem inglesa) e Francisca de Assis Martins Wood os seus administradores. Circulou de 5 de janeiro de 1868 (n. 1) a 27 de junho de 1869 (n. 76), sob o título *A Voz Feminina*, e entre 4 de julho (n. 77) e 26 de dezembro de 1869 (n. 102), com o nome de *O Progresso*.

São raras as ocorrências ao nome de Maia nas mais diferentes fontes, seja em críticos e historiadores da literatura brasileira, seja da portuguesa. Foram dois verbetes de dicionários dedicados ao sexo feminino que trouxeram alguma luz sobre quem era essa mulher que escrevia em Portugal, na segunda metade do século XIX. O *Dicionário mundial de mulheres notáveis* (1967), de Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana, aponta o seguinte:

MAIA, Emília Adelaide Moniz da (1848-1919). Poetisa portuguesa, natural do Rio de Janeiro; mulher do general português José Rufino Moniz da Maia. Tinha 15 anos, quando publicou, na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro, a poesia “Súplica”, que foi muito bem recebida. Colaborou em jornais portugueses: *A Voz Feminina*, *Almanaque das Senhoras* etc. Publicou as seguintes obras: *Fleurs* (1878); *Penas* (1912); *As sete palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo* (1916); *Angelus* etc. Era muito caritativa; o produto da venda dos seus livros destinava-se, em parte, a fins benemerentes. Nunca esquecia os infelizes e os pobres: viúvas, soldados de comportamento exemplar, órfãs etc. // Foi mãe do ator Fernando Maia, falecido prematuramente, quando ocupava o cargo de gerente do Teatro Nacional de D. Maria II. (OLIVEIRA; VIANA, 1967, p. 790)

Embora parcas, as informações são importantes frente à exiguidade de dados sobre Emília da Maia. Todavia, Ilda Maria Assunção e Silva Soares de Abreu, no verbete “Emília Adelaide Moniz da Maia”, incluído no *Dicionário no feminino* (ABREU, 2005, p. 303-304), corrige algumas informações anteriores e acrescenta outras. Por exemplo, sabe-se que era filha de José Alves da Silva Gatueiro e de Maria Rosa da Silva, e que faleceu, na verdade, em 1912, em Lisboa, para onde veio em 1863. Antes, aos 14 anos de idade, escreveu o poema “Adeus à pátria”, em homenagem ao Brasil. O texto de Ilda de Abreu ainda registra, com detalhes, as ações de benemerência da poetisa, assim como a sua participação em *A Voz Feminina* e no *Almanaque das Senhoras*, de propriedade de Guiomar Torresão, de quem era amiga. Por fim, diz que os poemas “Amor e desejo” e “Amélia”,

de Maia, foram traduzidos para a Língua Francesa por Gonçalves Dias.

Nos dezessete poemas de Emília da Maia encontrados em *A Voz Feminina/O Progresso*, a vertente predominante será a romântica, com temas como a evasão, a infância, a pátria e a religiosidade dando o tom à lírica da autora. Note-se a recorrência da evasão do eu-lírico que, aborrecido com a sua vida e com o mundo que o cerca, demonstra enfado, muitas vezes querendo fugir, seja pela morte, pela fé, pelo sonho ou pelo devaneio.

São três poemas, em especial, todavia, todos publicados em 1868, n.º *A Voz Feminina*, que merecem atenção maior: em “Saudades da infância” (n. 5, p. 3-4, 8 fev. 1868), “Canção do exílio” (n. 34, p. 4, 6 set. 1868) e “Recordações” (n. 39, p. 4, 11 out. 1868) observa-se a glosa de dois autores canônicos do Romantismo brasileiro, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, numa evocação de algo que já passou, temporal e espacialmente. A reminiscência temporal é evocada em especial com o retorno à infância, tema caro aos escritores brasileiros de cariz romântica, explícita em “Saudades da infância”; a lembrança espacial configura-se na saudade do torrão natal, clara em “Canção do exílio”. Em ambos, a autora luso-brasileira empreende um jogo intertextual que se caracteriza pela paráfrase, primeiro de Casimiro de Abreu, segundo de Gonçalves Dias – entenda-se, por paráfrase, aquele texto que, de certa forma, reafirma, com palavras diferentes e por meio de um deslocamento e de um distanciamento mínimos, aquilo que o texto primeiro coloca (cf. SANT’ANNA, 1985, p. 16-33).

Em “Saudades da infância”, a matriz de Emília da Maia é o célebre poema de Casimiro de Abreu, “Meus oito anos”, publicado no livro *Primaveras*. O título e a epígrafe do poema de Emília da Maia já apontam que a obra casimiriana é o substrato para a sua construção poética. Parafraseando e ao mesmo tempo, óbvio, homenageando o poeta fluminense, Maia traz um eu-lírico feminino (pode-se perguntar: a própria poetisa, em exercício autobiográfico?) que se volta com emoção para a infância, quadra feliz a que não se pode mais voltar, e que se opõe à vida enfadonha e cansativa que se afigura no presente, prática evasiva já observada anteriormente na sua produção.

Na “Canção do exílio” de Emília da Maia também fica cristalino que o seu ponto de partida é um outro poema clássico; no caso, o homônimo de Gonçalves Dias, publicado nos *Primeiros cantos*. Assim como no decalque anterior, aqui também Emília da Maia segue os passos de seu antecessor, escrito em 1843 e publicado em 1847. Maia escreve em 1868, momento em que a “Canção do exílio” gonçalvina já tinha se tornado uma referência na literatura brasileira, com vários escritores rendendo a sua homenagem ao poema – óbvio que no século XIX não

há a presença da paródia e da estilização que aparecerão em textos como os de Oswald de Andrade, Juó Bananére, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade e Jô Soares e muitos outros que, nos séculos XX e XXI, apoiaram-se nos famosos versos do poeta maranhense.

Em Maia, o caráter é mesmo de paráfrase; não há a tentativa de inovar, mas sim de retomar o anterior, com respeito – isso pode ser observado no título, na epígrafe, no uso do heptassílabo (verso popular, presente também em Casimiro, conforme se viu acima) e no sentido da composição da luso-brasileira, em que, como em Gonçalves Dias, também se observa um eu-lírico que diz querer voltar a ver os encantos da terra natal. Maia, todavia, não traz a mesma ênfase do texto primeiro, que clama: “Não permita Deus que eu morra, / Sem que eu volte para lá;”; aqui, o verbo-chave é “querer” (que, aliás, não aparece em Dias): o sujeito poético quer ver (os encantos, as palmeiras), quer sentir (o clima tropical, o murmúrio das cachoeiras), quer se sentar (à beira do mar), quer se embalar (na leve rede de penas), sem nunca, no entanto desfazer o local de onde fala, Portugal, já que não ocorre as comparações efetivamente realizadas em Dias, por meio do par opositivo “cá” e “lá”. No poema de Maia, se o eu-lírico “quer”, ele, contudo, nunca pede ajuda aos Céus para que esse intento seja alcançado, e não usa, em nenhum momento, o verbo “voltar”. Se há arroubos ufanistas, ocorrem sem que se procure a comparação que porventura poderia melindrar a nação que a acolhia no momento, onde, aliás, o texto foi publicado e lido.

Por seu turno, “Recordações” é um poema que realiza a junção das temáticas trabalhadas a partir da leitura dos poemas de Casimiro de Abreu e de Gonçalves Dias, demonstrando a devoção de Maia por ambos. Também publicada em 1868, “Recordações”, construída a partir de versos heptassílabos, como as duas anteriores, sintetiza o desejo de se estar em um tempo e em um espaço diferentes daqueles que se conformam no presente. Juntam-se, aqui, as saudades da infância e do Brasil, pois a primeira está relacionada ao segundo, já que provavelmente o tempo infantil foi vivido em terras brasileiras; a vida adulta em Portugal (caso se faça a leitura biográfica), para o eu-lírico, então, significa dupla distância: tanto da criança, que ficou longe no tempo, como do país natal, que restou distante no espaço.

Na composição, ficam patentes as saudades dos tempos idos, da “infância gentil”, em que o sujeito poemático vivia em terra “altiva e formosa”, de “beleza e tesouros” sem rival no mundo, embora, como já foi antes apontado, sem a “retórica da volta” de Gonçalves Dias. Talvez, mais do que o desejo ardente por retornar à terra natal (até possível, caso esse fosse realmente um desejo incontornável) ou à infância (impossível, a não ser pela memória ou pelo sonho), configura-se a vontade de

explicitar o amor àquilo pelo qual o eu-lírico passou, e que ele lembra com emoção e nostalgia.

Com uma poética apoiada na vertente romântica da literatura de Língua Portuguesa, Emília da Maia, nos poemas coletados nos periódicos dirigidos pelo casal Wood, repisa temas-clichê, numa postura epígona, típica daquele momento histórico em ambos os lados do Atlântico, de transição do Romantismo para o Realismo: melancólica e saudosa nos poemas, engajada e idealista nos artigos em prosa, a fim de atender a todos os tipos de leitoras dos periódicos.

Essa dualidade fica clara também na sua identidade hifenizada, luso-brasileira, fratura que a deixou a meio caminho, nem citada no Brasil, nem lembrada em Portugal, vazio que nos leva a perguntar qual o lugar de Emília da Maia, já que ela é tanto brasileira, no preito que faz à pátria em que efetivamente nasceu e nas homenagens que presta a Gonçalves Dias e a Casimiro de Abreu, na forma de alusões intertextuais e de epígrafes, quanto lusa, na dicção e na recepção, pois foi lida, essencialmente, por portugueses.

Relação literária entre Brasil e Portugal no século XIX²

Dos mais de cinco mil periódicos listados nos dois volumes de *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*, organizados por Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, avulta, para o estudioso brasileiro da área de Letras, uma série de títulos passíveis de pesquisa e análise; uma possibilidade de recorte é olhar mais atentamente para cinco revistas do século XIX que estampam, em seu título, a tentativa de se estreitar uma relação entre Brasil e Portugal, com a contribuição de escritores portugueses e brasileiros, mais o fato de serem “ilustrações”: *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856-1859); *Os Dois Mundos: Ilustração para Portugal e Brasil* (1877-1881); *A Ilustração: Revista Quinzenal para Portugal e Brasil* (1884-1892); *A Ilustração de Portugal e Brasil: Semanário Científico, Literário e Artístico* (1885); e *A Revista: Ilustração Luso-Brasileira* (1893). São empreendimentos que abarcam os dois lados do Oceano Atlântico, numa tentativa de pan-lusismo nem sempre levada a cabo com sucesso.

Aliás, essa mescla entre Brasil, Portugal e “ilustração”, no cabeçalho dos periódicos analisados, revela-se repleta de significados, no momento em que evoca, ao mesmo tempo, os inovadores recursos do

² Mais detalhes sobre este tópico podem ser encontrados em: PÓVOAS, Mauro Nicola Póvoas. *Um projeto para dois mundos: as ilustrações luso-brasileiras*. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia. *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Nankin, 2009. p. 53-75.

desenho, que começavam a inundar o mercado editorial europeu a partir do século XIX, e a conservadora *Revue des Deux Mondes* (*Revista dos Dois Mundos*), que inicia a circular em 1829 e perdura até hoje. As gravuras de meados do século retrasado, mesmo que ainda não coloridas e precariamente produzidas, atraíam para si um público que não era, num primeiro momento, identificado com as práticas de leitura “tradicionais”, isto é, aquela que se restringe à decodificação de letras emparelhadas em linhas e parágrafos³. Por sua vez, a francesa *Revue des Deux Mondes* trazia, já no seu título, a intermediação entre dois mundos distintos, o “velho” e o “novo”, o “civilizado” e o “selvagem”, de modo que ambos se entendessem mutuamente, sendo sem dúvida uma inspiração para os empreendimentos lusitanos ora analisados, até porque o que se guardou da revista francesa é “uma memória que a consagrou como periódico de superior qualidade, representativo do que havia de melhor no gênero” (MARTINS, 2001, p. 77), como atesta o seu sucesso na época do Império brasileiro, tendo em Dom Pedro II, por exemplo, um leitor atento⁴. Revistas amenas – de informação cultural, literária, sócio-histórica –, as “ilustrações” queriam ser uma “ponte” entre dois países que há pouco tinham se separado, utilizando o moderno expediente da gravura, a fim de popularizar a leitura e facilitar o acesso às notícias e à produção artística de portugueses e brasileiros.

A *Ilustração Luso-Brasileira* foi a primeira do quinteto de “ilustrações” para Portugal e Brasil que surgiu na segunda metade do século XIX. Com algum espaço para a literatura brasileira – em especial com a publicação de poemas e narrativas de Casimiro de Abreu –, pode-se dizer que, se não houve um completo esquecimento do Brasil, constata-se uma presença modesta do país, para uma revista que queria dar conta dos “dois mundos” de língua portuguesa, o europeu e o sul-americano, intenção expressa no título e no “Introito”, no primeiro número do periódico, assinado por Mendes Leal Júnior.

³ A “moda” das “ilustrações”, no Brasil, obviamente, demorará um pouco mais para se disseminar. Para Benedita de Cássia Lima Sant’Anna, em sua tese, na qual trabalha comparativamente com a *Ilustração Brasileira* e *A Ilustração Luso-Brasileira*, configuram-se como “imprensa ilustrada romântica as publicações periódicas que apresentam um conjunto de tendências estético-ideológicas próprias do período – como o nacionalismo literário, uma certa subjetividade, o gosto pela natureza, a colaboração de autores cientes do seu papel –, aliadas ao enriquecimento gráfico proporcionado pelas gravuras e estampas, bem como ao pendor didático e ético de empenho na propagação de conhecimentos, instrução e deleite, e a uma possível confiança nas ações governamentais para juntos promoverem a ‘civilização’” (SANT’ANNA, 2007, p. 49-50). Em Portugal, a primeira publicação periódica que pode ser considerada como “imprensa ilustrada romântica” é o lisboeta *O Panorama* (1837-1868); no Brasil, a par de alguns periódicos ensaiarem, desde a década de 1840, a publicação de caricaturas e litogravuras em suas páginas, a primeira a reunir todos os itens necessários seria a carioca *Ilustração Brasileira* (1854-1855), bem mais rica e diversificada que as antecessoras (cf. SANT’ANNA, 2007, p. 50).

⁴ Sobre o periódico parisiense, cf. CAMARGO, 2007.

Já *Os Dois Mundos: Ilustração para Portugal e Brasil*, revista de grande qualidade gráfica, tem um título que já aponta para países independentes, localizados cada qual em continentes diferentes, com suas características específicas. Surpreende – pelo título, que passa a ideia de uma proposta bem definida de divulgação; pela presença de um agente que representava a empresa no Brasil e por lá distribuía o periódico; pelo porte da revista – a ausência completa de colaboradores e escritores brasileiros ou de textos que aludam ao Brasil, numa falha que aponta a inexistência de diálogo entre as duas nações irmãs pela língua. Levando-se em conta aquilo a que se propunha a revista, pode-se pensar, inclusive, que talvez isso tenha ajudado na sua pouca duração e na irregularidade – os eventuais assinantes brasileiros gostariam de nunca se verem espelhados numa revista cujo cabeçalho estampava um subtítulo como “Ilustração para Portugal e Brasil”?

Todavia, é um erro que não persiste na revista que de certa forma dá sequência ao projeto de levar informação, amenidades, retratos e cultura para os “dois mundos” – *A Ilustração: Revista Quinzenal para Portugal e Brasil*, a mais rica, em qualidade gráfica, das revistas aqui listadas, sem falar que também é a que mais traz contribuições de brasileiros, com o predomínio de escritores que, ao longo do tempo, cristalizaram-se como referências canônicas da historiografia literária brasileira, em sua maioria representantes do assim convencionado movimento parnasiano: Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto Oliveira, Luís Guimarães Júnior, Luís Murat, B. Lopes, Medeiros e Albuquerque. Outros nomes menos conhecidos também frequentavam as páginas da folha dirigida por Mariano Pina: Silvestre de Lima, Luís Delfino, Valentim de Magalhães, Max Fleiuss, Silva Ramos, Lucindo Filho, Isidoro Martins Júnior e Manuel Vicente de Figueiredo. Contos são poucos: três de Artur Azevedo em 1890 – “A toalha de crivo”, “O viúvo” e “Romantismo” – e mais cinco, de quatro autores diferentes, em 1891: “Saudade”, de Coelho Neto; “A alma das flores”, de Júlia Lopes de Almeida (única representante feminina entre os brasileiros); “O crime de Otávio: carta encontrada entre papéis velhos”, de Olavo Bilac; e “Os sapatinhos de Luísa” e “Flores de pano”, de Valentim de Magalhães. Machado de Assis, em 1884, assina a biografia de Pedro Luís Pereira de Sousa, “jornalista, poeta, deputado, administrador, ministro e homem da mais fina sociedade fluminense”.

De *A Ilustração de Portugal e Brasil: Semanário Científico, Literário e Artístico*, os registros acerca do Brasil são poucos. Destacam-se o soneto “Destino”, de Luís Guimarães, e os textos “Escritores contemporâneos: poetas brasileiros notáveis” e “Escritores contemporâneos: poetas brasileiros notáveis – Álvares de Azevedo”, em que Gomes Leal faz uma análise de algumas características da

literatura brasileira do momento, assim como empreende um estudo sobre a vida e a obra de Álvares de Azevedo.

Por fim, *A Revista: Ilustração Luso-Brasileira*, embora com certa ambição, foi a “ilustração” luso-brasileira de vida mais curta, pois circulou, aparentemente, por apenas seis números. Desses, somente dois estão disponíveis para pesquisa na Biblioteca Nacional de Portugal; nesses, observa-se uma presença parcimoniosa de textos literários, sendo Luís Murat o único brasileiro, com “Ontem e hoje (sobre a lápide de um coração)”, escrito no Rio de Janeiro, conforme anotação ao fim do poema. Exceto essa, há outras poucas referências, como uma ilustração do edifício dos Correios, no Rio de Janeiro, e uma gravura de Quintino Bocaiúva, “um dos fundadores da República do Brasil”.

O que se pôde ver, pelo rápido levantamento aqui esboçado, é que da parte dessas ilustrações, surgidas entre 1850 e 1900, há tentativas, mais ou menos sérias, de integração entre as duas nações, à época, recentemente separadas, mas que possuíam a mesma língua e comungavam uma história conjunta de mais de trezentos anos. Pode-se falar na formatação do imaginário de uma identidade brasileira em Portugal, pelo olhar de um editor lusitano, que seleciona imagens, textos e escritores que julga representativos da literatura e da cultura das diversas regiões brasileiras do momento. Claro que muitas das iniciativas foram falhas, conforme o observado, nunca havendo, de fato, uma preocupação em estabelecer vínculos estreitos entre os dois países irmãos.

Cabe salientar que apesar de tratarem extensa e preponderantemente de temas, autores e obras vinculados a Portugal, não se pode afirmar que foram revistas “portuguesas” ou “lisboetas”, já que, com exceção da primeira, *A Ilustração Luso-Brasileira*, as demais eram impressas e/ou mantinham seus escritórios principais em cidades estrangeiras, como Paris e Barcelona. Isso demonstra, por um lado, a falta de estrutura, no país português, para a manutenção do padrão gráfico das publicações, e, por outro, aponta para uma interferência, no diálogo Portugal/Brasil, de culturas diversificadas, sem deixar de levar em conta que a impressão em terras distantes talvez encarecesse ou dificultasse as empreitadas, o que pode ter colaborado na vida curta dos periódicos.

Se o surto de “ilustrações” do século XIX deveu-se obviamente à questão da “moda” das gravuras e dos retratos que, ao enfeitarem as revistas, atingiam um público maior, pode-se perguntar a que se deveu a preocupação em unir Portugal e Brasil. Nostalgia, por parte de Portugal, da relação de dominação que mantinha com o Brasil? Saudades, sendo assim, do Império que começava, ao longo do século XIX, lentamente a desmoronar? Inspiração na união entre duas culturas, entre o “antigo” (o europeu) e o “recente” (o americano),

na direção do que fazia a *Revue des Deux Mondes*? Ou, então, propósito, do outrora colonizador, de auxiliar a nação aparentemente mais fraca e despreparada, o recém-criado Brasil? Talvez uma, outra, todas ou nenhuma das alternativas. A verdade é que o projeto das “ilustrações” (e de outros periódicos assemelhados, cuja identificação passa sempre pelo título que conjuga, de uma forma ou de outra, “Brasil” e “Portugal”), afóra algum ranço político-ideológico, intencionava levar informação e cultura brasileiras para o leitor português, numa tentativa de integração que, ao longo do século XX, minguiu, fruto da afirmação cada vez maior das especificidades do Brasil enquanto nação.

Recepção, em Portugal, de autores pertencentes à literatura brasileira⁵

Entre tantos nomes que frequentaram as páginas dos periódicos portugueses dos Oitocentos, seja por meio de poemas ou de críticas – Álvares de Azevedo, Amália dos Passos Figueiroa, Artur Azevedo, Casimiro de Abreu, Damasceno Vieira, Delfina Benigna da Cunha, Fontoura Xavier, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, Julieta de Melo Monteiro, Junqueira Freire, Manuel de Araújo Porto Alegre e Revocata Heloísa de Melo⁶ – destaca-se aqui, como exemplo de como eram abordados os autores brasileiros, Luís Guimarães Júnior (Rio de Janeiro/RJ, 1845 – Lisboa, 1898), hoje escritor pouco conhecido do público leitor, tanto que, mesmo em manuais didáticos para o ensino de literatura, ou em histórias literárias brasileiras mais recentes, a menção a ele não ultrapassa uma linha, um parágrafo, uma nota de rodapé⁷. No século XIX, porém, era autor bastante comentado nos círculos da imprensa literária lisboeta, até porque, a partir da década de 1880, como adido diplomático, mudou-se para a capital lusa, local aonde veio, inclusive, a falecer. A lista de periódicos portugueses em que constam poemas seus é imensa.

Por exemplo, em *A Mulher – Revista Ilustrada das Famílias* sua presença é constante – seis poemas de

⁵ Mais detalhes sobre este tópico podem ser encontrados em:

PÓVOAS, Mauro Nicola. O Rio Grande do Sul em almanaques portugueses do século XIX. In: REBELO, Helena (Coord.). *Lusofonia: tempo de reciprocidades*. Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Porto: Afrontamento, 2011. v. 2. p. 431-439.
PÓVOAS, Mauro Nicola. A literatura brasileira em periódicos portugueses: textos críticos e notas biográficas. In: PÓVOAS, Mauro Nicola; VAZ, Artur Emilio Alarcon (Org.). *Literatura, história e fontes primárias*. No prelo.

⁶ É de se anotar que alguns dos autores supracitados são gaúchos, pois um dos meus interesses originais foi coligar a presença da literatura sul-riograndense no material pesquisado.

⁷ Em Alfredo Bosi, por exemplo, há uma única referência a Luís Guimarães Júnior: “Assim, é de um Baudelaire treslido que decorre o primeiro veio realista-panasiano entre nós; dele e da poesia ainda romântica, mas contida e correta, de Luís Delfino e de Guimarães Jr., poeta dos Corimbo (1869) e dos Sonetos e rimas (1880)” (BOSI, 1993, p. 246).

Luís Guimarães foram ali publicados: “Esquife”, “O bom doutor”, “Uns pés”, “A larva”, “Madrigal a Ceci”, “*Mater dolorosa*”. Se há composições de sua lavra, também há “Poetas. A Luís Guimarães”, de Jaime Vítor (n. 24, p. 190, 1883), cuja primeira estrofe constitui-se dos seguintes versos:

Vai, imita-lhe o estro, ó ave pequenina,
E afoguem-me depois
Em ondas de harmonia,
Que há de ser uma estranha e íntima alegria
A gente ver os dois
Cantarem à porfia
Uma canção divina. (p. 190)

O poema é acompanhado de uma curiosa nota de rodapé, que “explica” o seu teor:

Luís Guimarães, o eminente poeta brasileiro, entristecido sempre e sempre preocupado com a morte de dois entes queridos, que para ele representavam nesta vida a alegria e a felicidade, lamentava-se por não ter tido nunca um rouxinol. Jaime Vítor, ouvindo-o, pôde conseguir obter um rouxinol que enviou ao distinto poeta brasileiro com os deliciosos versos que hoje publicamos. (p. 190)

Pedro da Silveira, em conferência na qual discorre sobre a participação de brasileiros nos movimentos literários portugueses do Realismo e do Simbolismo, aponta que *Sonetos e rimas* foi um livro que granjeou a Guimarães Júnior “acolhimento excepcionalmente caloroso” (SILVEIRA, 1981, p. 19) em Portugal, tanto que Gomes Leal igualmente celebrou o poeta, em “A Luís Guimarães. Depois da leitura dos *Sonetos e rimas*”, editado no *Correio da Manhã* em 11 de abril de 1887, e cuja primeira estrofe se reproduz, para efeito de comparação com o poema de Jaime Vítor, que é anterior:

Teu livro evoca em nós esse alabastro
branco das brancas rosas! Os poetas
bebem nele os clarões lunares dum astro
mais as fúrias do Amor – deus d’armas pretas.
(SILVEIRA, 1981, p. 19)

Afora os textos poéticos, na edição de n. 7 de *A Mulher* (p. 49-51, 1883), há artigo de Guiomar Torresão sobre Luís Guimarães, acompanhado de uma gravura do brasileiro. Torresão disserta sobre a vida e a obra do autor; dentre vários aspectos, destacam-se dois: a nacionalidade e o talento, os quais, aliás, estão imbricados.

Quando, no início do texto, aponta-se o local de nascimento do poeta, é ressaltado que ele é americano: “Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior nasceu no dia 17 de fevereiro de 1845 na cidade do Rio de Janeiro.

É por conseguinte brasileiro *pur sang*, facto que muito honra a América, que o conta entre os seus mais florentes talentos” (p. 49). A nacionalidade brasileira e a sua consequente confirmação, ou não, é um aspecto sempre lembrado nos textos biográficos publicados em periódicos portugueses. Dando continuidade ao artigo, o talento do escritor fluminense é descrito como “maleável e opulento, esmaltado, como as florestas luxuriantes do seu berço natal, de todos os matizes, e impregnado de todos os perfumes” (p. 49). Ainda sobre o talento, Guiomar Torresão afirma que Luís Guimarães é dotado de “imaginação ardente e fantasiosa”, sendo seus versos “tocados de uma fina sensibilidade nervosa”, os quais revelam um “lírico convicto”. Na sequência, Torresão expõe:

Esse lirismo perfumado e melodioso como uma serenata de Gounod, bordado de arabescos caprichosos e exuberantes de florescências tropicais, afirmou-se especialmente, com todos os seus defeitos e belezas, nos *Noturnos*. Foi exatamente nos *Noturnos* que a pessoa que escreve essa tentativa biográfica admirou pela vez primeira o feitio aristocrático e ligeiramente feminino do talento de Luís Guimarães. (p. 49)

Note-se, nesses dois itens em que o trecho assenta-se – a capacidade quase feminina, evocando a sutileza e a delicadeza do poeta, e a sua relação com a geografia brasileira –, a reiteração de dois pré-conceitos, bastante comuns no século XIX: a existência da dicotomia entre masculino/feminino, no momento de avaliar a qualidade de uma obra ou de um autor, e a exuberância da natureza dos trópicos a influenciar positivamente os autores nascidos no Brasil.

Outro caso de alusão a Luís Guimarães é no *Almanaque Ilustrado para 1883*, em que desenho do poeta carioca ocupa quase toda a página 36, com um pequeno texto trazendo alguns dados biográficos, destacando-se a dor resultante das mortes do filho e da esposa. Por isso, faz sentido a reprodução do poema “A morta”, na página subsequente, de temática autobiográfica, numa referência explícita à mulher, falecida em 1882, e que seria posto num livro cujo título seria *O poema dos mortos*, mas que nunca veio à luz. Assim, a nota junto ao poema de Jaime Vítor, acima transcrita, e que alude à tristeza do poeta pela “morte de dois entes queridos”, clarifica-se. Pedro da Silveira dá conta deste período da vida do poeta:

De resto, que Guimarães Júnior foi muito estimado em Lisboa, aí estão a prová-lo, quando, logo em Março de 1882, lhe morreu a mulher, D. Cecília Amélia, o abundante e sentido noticiário dos jornais, artigos vários, o folhetim a propósito escrito por Júlio César Machado, um dos melhores que lhe saíram da pena. E, já agora, ainda direi que “A morta”, um dos mais

belos sonetos de Luís Guimarães, é uma evocação daquela sua amada. Foi publicado pela primeira vez no *Jornal do Domingo*, de Lisboa, a 13 de Agosto de 1882, com a indicação de pertencer ao livro *O poema dos mortos*, a publicar em breve – mas que o não seria, como também não terá passado de projeto *O livro de Gabriel*, anunciado, no mesmo *Jornal do Domingo*, no ano anterior. (SILVEIRA, 1981, p. 18)

Já em edição de *Lisboa Elegante – Crônica Mensal* (n. 2, p. 42-44, dez. 1886), Fernandes Costa assina o artigo intitulado “Dois poetas: Luís Guimarães e Alberto Pimentel”, comentando os livros de Pimentel, *Idílios dos reis*, “a coleção de poemets mais sólida, mais homogênea, melhor equilibrada que a moderna poesia portuguesa tem produzido”, e de Guimarães Júnior, “o poeta viril que cinzelou como um artista da renascença ou lavrou como um mosaísta medieval os *Sonetos e rimas*” (p. 43). Curiosamente, aquele poeta que há três anos tinha sido qualificado como “ligeiramente feminino”, em artigo assinado por uma mulher, agora aparece masculinizado, dotado de força e ímpeto, em artigo assinado por um homem, mostrando que as questões de gênero atravessavam contumazmente a crítica e os costumes do momento – é de ressaltar que tanto *A Mulher* quanto *Lisboa Elegante* eram revistas lidas predominantemente por mulheres. Em outras edições de *Lisboa Elegante* ainda estampam-se, de Guimarães Júnior, as composições “Adormecida” e “As três cartas. A Teófilo Braga”.

Em *A Ilustração: Revista Quinzenal para Portugal e Brasil*, por sua vez, o livro *Sonetos e rimas*, de Luís Guimarães, é saudado entusiasticamente na seção “Bibliografia”, no texto “*Sonetos e rimas*, de Luís Guimarães”, sem autoria (n. 24, p. 375 e 379, 20 dez. 1886): “(...) é um poeta aplaudido, e que se o Brasil tem um grande orgulho em o possuir como filho, nós não temos menor em o ler” (p. 379). Trata-se de artigo encomiástico e impressionista, no estilo comum da época, em que o autor anônimo igualmente discute a nova onda literária, o Parnasianismo, sem deixar de fazer críticas ao movimento, embora absolva Luís Guimarães Júnior, um verdadeiro “aristocrata do verso” (p. 375), como se pode notar na citação abaixo, em que se destacam dois pontos – a curiosa comparação do movimento parnasiano à frivolidade da mulher que se entrega a cultivar somente a aparência e a qualificação dos dois grandes parnasianos da Língua Portuguesa, o próprio Guimarães Júnior e Gonçalves Crespo:

Os *parnasianos* são somente harmônicos e plásticos. É este o seu único defeito. (...) O *Parnasianismo* é uma arte adorável, cheia de defeitos. É como a Mulher que consome toda a sua existência na preocupação constante da *toilette* e do mundo, e que às vezes chega às portas da eternidade sem ter uma só vez

sido na vida exclusivamente Mulher, isto é – Esposa, Mãe ou Filha – apesar de ter passado por todos estes estados – mas ligeiramente, superficialmente. (...) O mal já se manifesta em Paris. Mas ainda está longe de se manifestar em Portugal, quanto mais no Brasil; e enquanto ele não chega, saudemos com entusiasmo em Luís Guimarães um dos poetas mais corretos, mais elegantes, mais harmoniosos e mais distintos do nosso tempo, e que só encontra rival em Gonçalves Crespo, incontestavelmente o mestre dos parnasianos portugueses. (p. 379)

Interessante constatar o cânone da literatura brasileira que pode ser elaborado a partir das referências a escritores nas publicações portuguesas. O exemplo aqui trazido, o de Luís Guimarães Júnior, hoje pouco lembrado, frequentava assiduamente as páginas oitocentistas, indicando que a recepção a determinados autores transforma-se com o passar dos anos, seja pela mudança no gosto do público, seja pela diminuição do espaço desses escritores nas histórias mais recentes da literatura brasileira, decorrente de uma deficiência estética dos textos, que muitas vezes envelhecem e não resistem a novas leituras.

Nota final

A resenha aqui produzida, a partir de ensaios publicados em livros, revistas e anais, e apresentados por meio de comunicações e palestras, nos mais diferentes eventos, nos últimos quatro anos, mapeia alguns dos meus interesses, enquanto pesquisador da história da literatura, de fontes primárias e das relações entre Portugal e Brasil. Como em muitos momentos foram resumidos textos que, em sua origem, eram mais detalhados e volumosos, recomenda-se, ao interessado em pormenorizar alguma informação, consultar os textos apontados nas notas de rodapé.

A pesquisa em jornais, revistas e almanaques, muitas das vezes, resulta cansativa e improdutivo; no entanto, por outro lado, pode revelar, àqueles que se debruçam sobre tais fontes primárias, pequenas descobertas e joias semiesquecidas. É o caso de “Escândalos”, achado que, devido à dispersão da reduzida e importante obra de Cesário Verde, torna-se ainda mais precioso, no momento em que há a possibilidade de disponibilizá-lo aos leitores interessados, mais de cento e trinta e cinco anos depois de sua primeira e única publicação. Ou os exemplos de Emília da Maia e Luís Guimarães Júnior que, se não gozam da importância na historiografia literária de Cesário, resultam importantes de serem descortinados, para que se possa pensar a literatura além dos “grandes nomes” que o tempo trata de canonizar e incensar. Ou, ainda, a oportunidade de vislumbrar como se davam as relações, no âmbito sociocultural, entre Portugal e Brasil ao longo do século XIX, poucos anos depois da Independência brasileira.

Enfim, a coleta de fragmentos de história da literatura e a posterior tentativa de organização desse material não pressupõem, no conjunto, um mosaico equilibrado e contínuo, mas a chance de uma mirada sincrônica que traz, consigo, possibilidades novas e menos viciadas de se estudar o campo literário.

Referências

- ABREU, Ilda Maria Assunção e Silva Soares de. Emília Adelaide Moniz da Maia. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (Dir.). SOUSA, António Ferreira de; ABREU, Ilda Soares de; STONE, Maria Emília (Coord.). *Dicionário no feminino* (séculos XIX-XX). Lisboa: Horizonte, 2005. p. 303-304.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: EDUFRRN, 2007.
- MACEDO, Helder. O erotismo de humilhação. In: *O romântico e o feroz*: Cesário Verde. Lisboa: & etc, 1988.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão, 1967.
- RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela (Org.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. 2 v. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001-2002.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *Ilustração Brasileira (1854-1855) e A Ilustração Luso-Brasileira (1856, 1858, 1859): uma contribuição para o estudo da imprensa literária em língua portuguesa*. 2 v. 2007. 325f (v. 1) e 178 f. (v. 2). Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02102007-141548/>. Acesso em: 15 jan. 2009.
- SERRÃO, Joel. *O essencial sobre Cesário Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1986.
- SILVEIRA, Pedro da. *Os últimos luso-brasileiros: sobre a participação de brasileiros nos movimentos literários portugueses do Realismo à dissolução do Simbolismo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.
- VERDE, Cesário. *Obra completa de Cesário Verde*. Org. Joel Serrão. Lisboa: Horizonte, 2003.

Recebido: 05 de setembro de 2012

Aprovado: 1 de outubro de 2012

Contato: mnpovoas@cpovo.net